

NAS FISSURAS DA CENA QUE ENCENAM PRÁTICAS EDUCATIVAS
EN LOS CRACKS DE LA ESCENA QUE ESCENAN PRÁCTICAS EDUCATIVAS
IN THE CRACKS OF THE SCENE THAT STAGE EDUCATIONAL PRACTICES

Iáscara Oara de JESUS¹
Bruna Carolina de Lima Siqueira dos SANTOS²
George Saliba MANSKE³

RESUMO: O reordenamento de mercados para a manutenção deste mundo tem como moldura ou cenário um corpo especialmente treinado e preparado, com capacidade de se multiplicar em avatares. Nesta costura, sujeições são oferecidas. Assim, no contexto do espaço escolar, nosso objetivo é: discutir técnicas e tecnologias de produção do corpo/professor e possibilidades de resistências por meio de fissuras que se deslocam e atuam entre caminhos. Para tanto, em uma abordagem qualitativa, adotamos o método de pesquisa bibliográfica para coletar os dados que contribuem para suscitar e embasar os diálogos aqui presentes. Estes nos auxiliaram a concluir que, o espaço/escola mais que nunca na contemporaneidade tem sido alvo de formas diversificadas de sistemas de governo, que delimitam, impõe e constituem subjetividades como o corpo/professor. Mesmo assim, ainda é possível encontramos possibilidades de resistência nas fissuras do entre/espaço, por meio do exercício e experiência da prática de si.

PALAVRAS-CHAVE: Corpo. Educação. Fissuras.

RESUMEN: *El reordenamiento de mercados para el mantenimiento de este mundo tiene como marco o escenario un cuerpo especialmente entrenado y preparado, con capacidad de multiplicarse en avatares. En esta costura se ofrecen sujeciones. Así, en el contexto del espacio escolar, nuestro objetivo es: discutir técnicas y tecnologías para la producción del cuerpo / maestro y posibilidades de resistencia a través de fisuras que se mueven y actúan entre caminos. Para eso, en un enfoque cualitativo, se adoptó el método de investigación bibliográfica para recolectar los datos que contribuyan a plantear y sustentar los diálogos aquí presentados. Estos nos ayudaron a concluir que el espacio / escuela más que nunca en la contemporaneidad ha sido el blanco de formas diversificadas de sistemas de gobierno, que delimitan, imponen y constituyen subjetividades como el cuerpo / docente. Aun así, todavía es posible encontrar posibilidades. de resistencia en fisuras entre / espacio, a través del ejercicio y experiencia de la práctica de uno mismo.*

PALABRAS CLAVE: *Cuerpo. Educación. Grietas.*

¹ Universidade do Vale do Itajaí (UNIVALI), Itajaí – SC – Brasil. Doutoranda no Programa de Pós-Graduação em Educação. ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-1093-2680>. E-mail: oarajesus@gmail.com

² Universidade do Vale do Itajaí (UNIVALI), Itajaí – SC – Brasil. Doutoranda no Programa de Pós-Graduação em Educação. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-7305-5083>. E-mail: bruna_siqueiras@hotmail.com

³ Universidade do Vale do Itajaí (UNIVALI), Itajaí – SC – Brasil. Docente, orientador e líder de grupo de pesquisa no Programa de Pós-graduação em Educação. Doutor em Educação (UFRGS). ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-0117-7927>. E-mail: gsmanske@yahoo.com.br

ABSTRACT: *The reordering of markets in order to maintain this world has as its frame or scenario a specially trained and prepared body, with the capacity to multiply itself in avatars. In this seam, subjections are offered. Thus, in the context of the school space, our objective is: to discuss techniques and technologies of production of the body/teacher and possibilities of resistance through cracks that move and act between paths. For that, in a qualitative approach, we adopted the bibliographic research method to collect the data that contributes to raise and support the dialogues presented here. These helped us to conclude that the space/school more than ever in contemporaneity has been the target of diversified forms of government systems, which delimit, impose and constitute subjectivities such as the body/teacher. Even so, it is still possible to find possibilities of resistance in the gaps of the inbetween, through the exercise and experience of the practice of oneself.*

KEYWORDS: *Body. Education. Fissures.*

Introdução

A educação abre possibilidades de tramar significados e propor interações com mundos diversos por meio de enunciados discursivos, que vão definir nossas ações em cotidianos provisórios e assimétricos. Enquanto elemento multiplicador, o professor, (re)configurado para novos enredos, sinaliza caminhos que se apresentam e se abrem para novas formas de subjetivação. Logo, nesse movimento, “[...] numa relação de dependência, como condição ou, praticamente, uma como efeito da outra” (RESENDE, 2019, p. 120), estamos entrelaçados com os acontecimentos o tempo todo, em um processo canibalizante de outras culturas.

Atualmente, esta relação de dependência capta outras composições humanas, a saber, “[...] um conjunto de tecnologias políticas que emergem no século XVIII, constituindo uma economia geral de poder que incide sobre a população, tanto na condição de objeto como na de sujeito” (RESENDE, 2019, p. 121), as quais são apresentadas e se ramificam e, na atualidade, operam em outros arranjos. Não cabe mais pensar de forma rígida, hegemônica, estanque, acabada. Somos nômades na vida, no pensamento e na educação. E, em uma sociedade aberta às diferenças e ao múltiplo, acreditamos ser possível a implementação de diferentes projetos de vida. Projetos que possam melhorar a condição humana. Sem uma direção única. Portanto, ensaiamos, aqui, especificamente na fronteira. Nas fissuras e rasgos que possibilitam um atuar entre caminhos.

Enunciados e discursos planejados por biopolíticas implementadas por tecnologias e práticas abrem espaços em um contínuo-descontínuo cotidiano educacional. Para Foucault (1997), tempo e sujeito são sucessões de descontinuidades, de começos nos já iniciados começos. Estes, num primeiro momento, surgem como novos, surgem em oposição dentro do

próprio campo em que surgiram. Mas, neste novo lugar, se constroem outras narrativas que provocam outras fissuras. Um descontínuo sucessivo de poder-saber e saber-poder vai sendo acionado e vai gestando conhecimentos, os quais nos assujeitam e definem novas instalações que se replicam e passam a ser utilizados de forma ampliada (FOUCAULT, 2004).

Pressupomos, então, que ao contrapor o que está posto nas relações momentâneas, abrem-se espaços para o exercício de uma resistência que passa a propor outros caminhos. No entanto, ainda em Foucault (2004), estes espaços abertos vão sendo incorporados ao longo dos processos, restando-nos alguns momentos de práticas de liberdade.

O reordenamento de mercados para a manutenção deste mesmo mercado tem como instrumento de implementação um corpo/professor especialmente treinado e preparado, com capacidade de se multiplicar em corpos metamorfoseantes que garantem a manutenção e a cooperação dentro de e entre diferentes redes, compartilhando objetivos comuns e (re)combinando enunciados discursivos, além de recursos outros. Nesta costura, práticas pedagógicas seriadas são oferecidas e afetam diretamente a composição do sujeito que se abre para um cotidiano que se pauta em narrativas de interesse em acontecimentos imediatos.

Desse modo, pensamos a educação que, por um lado, quer se manter com os olhos voltados para a tradição e, por outro, se (re)cria pelo domínio do capital que a vê como “uma espécie de empresa múltipla e permanente capaz de gerir a si mesmo enquanto tal” (RESENDE, 2019, p. 129). Resende (2019) contribui para este mosaico, conduzindo nosso olhar e nos alertando para a busca de um aguçamento dos nossos sentidos, para uma percepção maior dos detalhes nos movimentos constantes de adequação que se flexibilizam e se abrem para instituições que governam e atuam a partir de redes bem tecidas e em ascensão.

Entre estes dois caminhos, o da escola tradicional e o da escola cultivada pelos biopoderes instituídos na atualidade, um espaço se apresenta e se mostra mediante fissuras, sinalizando para reinvenções e composições outras. Assim, cabe a nós, educadores, percebermos estes lugares e atuarmos através dos mesmos. Nesse complexo, se problematiza: Como técnicas e tecnologias em um espaço escolar atuam na subjetivação de professores, e seria possível resistir encontrando novas possibilidades? Diante da problemática exposta, percorremos o presente estudo objetivando discutir técnicas e tecnologias de produção do corpo/professor e possibilidades de resistências por meio de fissuras que se deslocam e atuam entre caminhos. Para tanto, neste estudo de cunho qualitativo, fizemos uso do método de pesquisa bibliográfica para coletar os dados que contribuem para suscitar e embasar os diálogos aqui presentes.

Em cena, o corpo/professor e o mercado

Em *O nascimento da biopolítica*, Michel Foucault (2008), define a Biopolítica como um acontecimento próprio da política e da cultura ocidental que se consolida a partir do século XVIII, e que torna políticas e ações de governo sobre a vida biológica instrumentos de controle. Esta proposição alimenta de forma consistente a discussão proposta aqui. Para Foucault, a questão é saber como tudo acontece, “[...] como se desenvolve essa maneira de governar, qual a sua história, como ela ganha, como ela encolhe, como ela se estende a determinado domínio, como ela inventa, forma, desenvolve novas práticas [...]” (FOUCAULT, 2008, p. 9).

Por sua vez, Mainardes (2006), cita entre tantas, algumas instituições mais consistentes e determinantes dentro do contexto mundial, que agem conectadas com os sistemas e mercados econômicos globalizados/globalizantes.

Em consonância com o econômico, o político, o jurídico e as tecnologias que potencializam e direcionam, os planos das corporações e instituições mundiais se fortalecem recorrendo a uma materialização do campo educacional, o autorizando e o implementando, por pautas marcadas a partir das necessidades do mercado. Com esse direcionamento, o mercado globalizado imprime novas regras e apresenta um projeto em que os corpos/sujeitos/professores assumem um outro papel, no qual passam a atuar em um não lugar e em,

[...] flagrante vulnerabilidade [...] ilhados entre uma escola que se proclama vigorosa e abundante quanto a suas missões de fundo, e outra escola que não cessa de se confessar impotente quanto à consecução de tais missões, restando-lhe nada além do que a oferta de respostas voláteis, pontuais e desarmônicas em relação aos chamamentos do presente (AQUINO, 2019, p. 49).

Diante de tal panorama, um lugar de problematização se apresenta e nos arremessa para um espaço/tempo que gera desconfortos, dúvidas e (des)dobra sujeitos em possibilidades inventadas e (re)apresentadas “[...] modos despóticos de governo de si e dos outros no quadrante educacional; despóticos, porque raras são as chances de esquiva, já que chancelados pela anuência da grande maioria, [...] forçosamente alocados nessa ou naquela tradição discursiva [...]” (AQUINO, 2019, p. 53), biopolíticas atualizadas propõem novas maneiras de subjetivação que reificam.

Artifícios distribuídos e legitimados por tecnologias do eu passam a dominar os espaços instituídos. Estes, tecidos pelos e nos discursos, nos levam à compreensão de que uma

“[...] análise de políticas deveria incidir sobre a formação do discurso da política e sobre a interpretação ativa que os profissionais que atuam no contexto da prática fazem para relacionar os textos da política à prática” (MAINARDES, 2006, p. 50). No entanto, formatos traduzidos por enunciados discursivos e publicizados em práticas inquietam e desafiam, uma vez que oferecem possibilidades de presentificações. Ao se imporem de forma imperativa em lugares de tomada de decisões, os discursos geram pensamentos que abrem para portas e janelas que misturam tempos, espaços, técnicas; tecnologias do eu para redimensionar saberes/poderes que se institucionalizam e se apresentam no intuito de convencer (SANTOS, 2011).

Peças avulsas de uma engrenagem se movimentam e, na instabilidade, vulnerabilidade, voluntarismo, fragmentação, nos fragilizamos e perdemos a confiança e os laços que posicionam e nos tornam presentes. Sem passado, presente, ou futuro vamos habitando espaços, escolas, discursos fronteiros, tal como lemos nas escritas de Aquino: “[...] trata-se de habitar uma zona de pensamento fronteira, a qual, sem dúvida, é solidária ao *modus operandi* filosófico, mas a ele não se restringe” (AQUINO, 2019, p. 59).

Autenticando também nosso discurso, Sennett escreve que, enquanto sujeitos moldados para a produção e grafados em enunciados burocráticos, vamos vivenciando promessas de autonomia e de liberdade. Porém, “[...] a aparência de nova liberdade é enganosa. [...] O tempo da flexibilidade é o tempo de um novo poder. Flexibilidade gera desordem, mas não livra das limitações” (SENNETT, 2009, p. 69), ainda para Sennett (2009), as modernas formas de flexibilidade estão postas sob três fortes elementos “[...] reinvenção descontínua de instituições; especialização flexível de produção e concentração de poder sem centralização” (p. 54), assim por meio de engenhosas e avançadas técnicas e tecnologias somos em todo o tempo governados, e este ser interior que por vezes somos chamados a refletir, também é afetado por externalidades que o moldam.

Nessa perspectiva, Ball (2006) salienta a importância de nos atentarmos para a disseminação de um discurso que supervaloriza os desempenhos de excelência, que se veste e se vende recorrendo a um modelo que se diz centrado no humano. Estes modelos, de acordo com o teórico, primam pela competição e pela excelência. Ainda, se faz necessário estarmos atentos aos deslocamentos e às novas bases que estão sendo estabelecidas pelo mercado globalizado, o qual se pauta pelo gerencialismo da educação, lugar este de formação e de replicação de discursos. O sociólogo nos alerta também para a “[...] imposição e o cultivo da performatividade na educação e no setor público, somados à importação e disseminação do gerencialismo” (BALL, 2006, p. 12-13) de órgãos instituídos, refundando culturas e

reinstalando modos de ser e estar dentro e fora das instituições; além de chamar a atenção para o exercício de um olhar atento aos discursos, práticas e manobras diárias que são colocados à nossa disposição, pois “[...] toda oportunidade concebível é aproveitada para imprimir os valores nucleares da organização sobre seus (cuidadosamente selecionados) empregados” (BALL, 2006, p. 15).

Por sua vez, Santos afirma que, “[...] entre os fatores constitutivos da globalização, em seu caráter perverso atual, encontram-se a forma como a informação é oferecida à humanidade e a emergência do dinheiro em estado puro como motor da vida econômica e social” (SANTOS, 2011, p. 19). Ou seja, essa costura que embasa ideologias hegemônicas nos coloca em um mundo irreal em que o imperativo discursivo unificado se revela e propicia a fundação de totalitarismos sem podermos prever efeitos, o que nos remete a Bauman (2011), sobre a globalização ao afirmar que, “[...] é uma aceitação dócil do que está acontecendo ‘lá fora’, uma admissão sempre marcada pela amargura da capitulação, mesmo que adoçada com uma autoexortação consoladora do tipo ‘se você não pode vencê-los’, junte-se a eles” (p. 39).

Ainda de acordo com Bauman, as divisões e as fronteiras se manifestam e se revelam ampliando concepções e práticas de nossos projetos rearranjados pelas múltiplas sociedades edificadas por nós. Nesse contexto, “A capacidade de transgredir deslegitima as fronteiras prestes a serem transgredidas” (BAUMAN, 2011, p. 222).

O cenário se mostra alarmante: a firmação e a pregação de um fazer flexível da racionalidade neoliberal têm norteado o cotidiano educacional e a ordem mundial ocidentalizada, além de disseminar um discurso que supervaloriza relações efêmeras, superficiais e destituídas de laços de compromissos em longo prazo. Fica a interrogação:

A flexibilidade, com todos os riscos e incertezas que implica, remediará de fato o mal humano que ataca? Mesmo supondo que a rotina tem um efeito pacificador sobre o caráter, exatamente como vai a flexibilidade fazer um ser humano mais engajado? (SENNETT, 2009, p. 51).

Nesta fusão entre o capital e o social, segundo Sennett (2009), um pequeno número de pessoas se beneficia ao máximo, gerando e produzindo um mundo que se quer flexível e performático. Estaríamos, então, assistindo ao redimensionamento e à instalação de um formato novo de relação com a educação, o capital e o consumo? Seria este movimento a moderna maneira de sujeição? Seria esta uma liberdade que se vincula e se deixa tecer, propondo e provocando fissuras? Ou podemos atuar ali, no espaço entremeios, nas fissuras que insistem em suas visibilidades entre a educação tradicional instituída e a gestada nos braços e berços do modelo econômico, político, social e educacional das biopolíticas

neoliberais? Para Sardinha, “[...] trata-se de examinar maneiras diferentes de agir e viver que levam à constituição de seres livres ou que, pelo contrário, conduzem a práticas dominantes” (SARDINHA, 2019, p. 11).

Tecendo (nas) fissuras

Enquanto plataforma de pesquisa sobre o sujeito educado e delineado contemporaneamente, a educação, disseminada a partir de processos fabricados em composições macroeconômicas, engloba todas as nuances disponíveis e consolida uma sociedade que passa a privilegiar técnicas e tecnologias que se materializam por meio de determinados processos. E qual seria esse,

[...] sistema de ensino senão uma ritualização da palavra [...] e uma fixação dos papéis para os sujeitos que falam; senão a constituição de um grupo doutrinário ao menos difuso; senão uma distribuição e uma apropriação do discurso com seus poderes e seus saberes? (FOUCAULT, 1996, p. 44-45).

Com Silvio Gallo, propomos, então, “[...] pensar a problemática da liberdade em educação num viés distinto das análises de tipo ideológico” (GALLO, 2019, p. 189). Tornados nômades e andarilhos em produtos revestidos para servir a interesses e nichos mercadológicos, os quais fortalecem estratégias nucleares, vamos nos encaixando nos jogos que propõem arranjos a partir da implementação de biopolíticas que manifestam a “[...] verdade por aquele que exerce o poder e a manifestação da verdade pelas palavras, e o dizer daquele que afronta o poderoso” (GALLO, 2019, p. 193). Nesse sentido, a educação nos permite aberturas, ou não. Abre janelas e recompõe os textos imagéticos e discursivos em momentos de desalinhamentos. Convida para o “questionar nossa vontade de verdade; e restituir ao discurso seu caráter de acontecimento” (FOUCAULT, 1996, p. 51).

Nas palavras de Gallo, “[...] não se trata, pois, de buscar orientar os processos educativos rumo a práticas de liberdade. Trata-se ao contrário, de ter a sensibilidade de reconhecer que contracondutas são produzidas [...]” (GALLO, 2019, p. 204). Frente a esse desafio, seguimos em processo constante. As práticas nos colocam em lugares de negociação e nos oferecem a oportunidade de desenhar novas estradas e reinventar narrativas. E “Cada uma delas tem para nós o seu ponto de profunda identificação subjetiva. Essa é a questão mais difícil da proliferação no campo das identidades e antagonismos: elas frequentemente se deslocam entre si” (HALL, 2018, p. 385).

Estas práticas flutuam e se deslocam, formando o sujeito que ocupa lugares de poder. Mas não são e nem somos o poder. São lugares que nos investem temporariamente de poder para atender às demandas de mercado e de consumo que também mudam de posição, seja o consumo objetivo, seja o consumo subjetivo. Logo, “uma vez concluído, o discurso deve então ser traduzido – transformado de novo – em práticas sociais, para que o circuito ao mesmo tempo se complete e produza efeitos” (HALL, 2003, p. 388). Conforme propõe Gallo, se trata de implementar

[...] uma educação [...] que procura escapar às forças de instituição, inventando modos outros de ser e viver, outras aleturgias educativas, não apenas aquelas que estão do lado do poder instituído, mas também aquelas produzidas pelos que resistem e tem a coragem de enfrentar, que praticam a “coragem da verdade” como aleturgias (GALLO, 2019, p. 204).

Isso porque os modelos mentais, aos quais estamos acostumados, estão sendo desestruturados, e uma humanidade com um novo figurino se apresenta no palco especialmente construído para propor e “[...] administrar nossas emoções que têm sido remoldadas. A própria ideia que temos de nós mesmos tem sido revolucionada. Nós nos tomamos seres intensamente subjetivos” (ROSE, 1989, p. 45).

Somos corpo que idealiza, fantasia, interpreta palavras sinalizando construções, possibilidades, visões de mundos, ideologias e universos repletos de sentidos que permanecem em mutação e proliferam em redes que, segundo Ball (2014), são uma forma contemporânea de sujeição e governança da educação. Esta, por sua vez, apresenta jogos de poderes deslocados ou rearranjados, propondo no processo político novas fronteiras que autorizam governos, poderes e instituições a implantarem seus discursos. Estas redes costuradas multiplicam conexões e se traduzem na dualidade híbrida de políticas públicas.

Enquanto discurso de resistência e transgressão, propomos aqui o exercício do pensar a educação que se instala pelo domínio do capital, das tecnologias, e pelas novas percepções de um sujeito que se depara com um mundo em transição, que se abre para reinvenções e composições outras. Por transgressão entendemos, conforme define Sabot, o ato de romper com os

[...] limites que o sistema das leis ou mesmo a ordem social manifesta, [...] o exercício de uma liberdade que se choca com a expressão de uma lei (humana ou divina). [...] A transgressão confere na verdade à ação humana, a forma de uma experiência. [...] Na transgressão, há não somente uma relação (negativa) quanto à interdição, mas há igualmente a dimensão, positiva, da provação de uma liberdade que encontra aqui a possibilidade de provar que

existe e de colocar em um ato essa força que a leva a frente dela mesma (SABOT, 2019, p. 139-141).

Novos formatos, novas vontades e jeitos de estar e perceber o mundo, novas formas de comunicação, interesses e abordagens, nos convidam a exercícios e conexões que modifiquem as “[...] relações de poder/subjetivação nas escolas” (AQUINO, 2019, p. 39). Esculpido na sociedade contemporânea, o corpo/professor encontra-se em processo intenso de readequação e formatação (AQUINO, 2019; CORAZZA, 2003; FOUCAULT, 1996; ROSE, 2001; TADEU, 2003).

Em sua explanação, Aquino (2019) constrói um mapa/perfil do corpo/sujeito/professor em reconfiguração no contemporâneo, o qual se rasga, se bifurca e se constitui, por um lado, ratificando os poderes estabelecidos e classificatórios dos biopoderes dominantes e, por outro, na fissura visualizada pelo corpo/professor, que ocorre “[...] através das análises que faz nos campos que são os seus, o de interrogar novamente as evidências e os postulados, sacudir os hábitos [...], dissipar as familiaridades aceitas, retomar a avaliação das regras e das instituições (FOUCAULT apud AQUINO, 2019, p. 91).

Como espaço de atuação e experimentação, as fissuras nos colocam em lugares suspensos e nos obrigam a pensar e a agir com os olhos abertos para os movimentos que convidam à experimentação, a qual privilegia o conhecimento construído na relação. E ao abrir-se a essa experimentação, “É preciso aceitar introduzir a casualidade como categoria na produção dos acontecimentos” (FOUCAULT, 1996, p. 59). Talvez aí, neste espaço, o educador possa “[...] reencontrar seu papel tão transitivo quanto transtornador no cenário das transações discursivas contemporâneas” (AQUINO, 2019, p. 91). Em meio à realidade que ainda não existe, “[...] investimos esforços de pesquisa, fabricamos constância de ensino e de orientação, ensaiamos experimentações de escrituras, fazemos exercícios contínuos para pensar” (CORAZZA, 2016, p. 1318).

Atuando em limiares que abrem para a experimentação, percebemos a possibilidade e a necessidade de manter nossos sentidos aguçados para que possamos pensar ações com o outro, de forma a transgredir o presente e projetar um dia seguinte em que nenhuma proposição será indiscutível. Na escrita de Corazza (2016, p. 1319), lemos que,

[...] para chegar a este ponto factual – com seus arquipélagos de figuras filosóficas, literárias e educacionais, constelações de problemas e linhagens fictícias –, a pesquisa problematiza: o que é um ato de criação curricular ou didática? Quando temos uma ideia de didática e de currículo? Como ocorrem as suas gestações? Colecionamos dados para elaborá-los? De que tipos de arquivo tais dados são extraídos? De que modo lemos e escrevemos uma didática e um currículo? Um currículo e uma didática podem ser mais ou

menos criadores, ficcionais, imaginários, lógicos, reais? Quando os elaboramos, construímos mundos possíveis? Quais os limites intelectuais, sociais e culturais das traduções didáticas e curriculares?

Isso nos leva à seguinte proposição: a partir do momento em que o sujeito passa a bloquear um campo de relações de poder, tornando-as fixas e imóveis, impedindo sua reversibilidade e um transitar independente de forças econômicas, políticas, educacionais e sociais, deixa de existir a possibilidade da prática da liberdade. Portanto, em alguns momentos, a liberação/fissuras/rasgos destas condições podem ser um caminho viável para práticas de reposicionamento educacional, histórico e social. Desta forma, podemos entender também que estes deslocamentos práticos sugerem novas formas de poder, o que, portanto, é a condição ontológica da ética para que o cuidado de si não se torne uma forma de egoísmo ou de interesse individual. Logo, cabe a nós, professores e educadores de todas as áreas, explicitar críticas, levantar interesses, remexer os olhares, estranhar o ‘ideal’ e o dado, revelar os domínios e os poderes nos vários setores da sociedade.

Vivemos um tempo em que, aparentemente, culturas se aproximam, dialogam e se estabelecem como tendência comportamental tanto de aceitação quanto de negação. O humano em processo “[...] se apoia em um renascimento do individualismo competitivo e em um novo tipo de cidadão-consumidor [...]” (BALL, 2006, p. 17). E assim, entre formas e fronteiras reeditadas para a readequação econômica, as peculiaridades locais/globais se redesenham e se fortalecem para a implementação e circulação de produtos de interesses institucionalizados em expansão.

Fusões e arranjos em discursos educacionais, em profusão na atualidade e cotidianos institucionais, se preocupam basicamente com a manutenção e o rearranjo dos poderes e culturas instalados, os quais marcam, estabelecem lugares e limites de distribuição. Nesse sentido, significa dizer que, nada escapa a um sistema de governo, operando sobre corpos em sua integralidade, seja em ações visíveis ou aquelas ditas privadas,

A conduta, a fala e a emoção têm sido examinadas e avaliadas em termos dos estados interiores que elas expressam. Também têm-se feito tentativas para alterar a pessoa visível através de uma ação exercida sobre esse invisível mundo interior. Pode parecer que pensamentos, sentimento e ações constituem o próprio tecido e constituição do mais íntimo eu, mas eles são socialmente organizados e administrados nos mínimos detalhes (SILVA, 1998, p. 30-31).

Ou seja, agora, neste dado momento, tais poderes sinalizam para um mundo que se desdobra e nos oferece um passo-a-passo do perfil e do modelo ideal de educador que se quer, e das práticas que se anunciam.

Percebe-se que a *tékhnē*, modalidade triunfante na Modernidade e matriz dos regimes de verdade embasados em uma autoridade heteronômica, se torna mormente lastro científico. Conseqüentemente, evidencia-se que, da trilogia anunciada por Aquino (2019), a predominante é aquela propagada pelos discípulos epicuristas, os quais, opostos aos discípulos de Sócrates que estabelecem uma relação no conhecimento, estão fadados a “[...] repetir o que o mestre lhe[s] legou, nada pode[m] acrescentar ou eliminar à sua letra, tida como totalidades fechadas” (AQUINO, 2019, p. 127-128).

Nessa perspectiva, o educador se transforma em mais um número nos programas sofisticados e emergentes que apagam os traços subjetivos escritos na tradição, e que nos realoca em um outro lugar de conhecimento e percepção das materializações humanas. Em outras palavras, vamos ocupando um lugar que nos torna invisíveis (AQUINO, 2019). Mais um entre muitos que flutuam e permanecem, ou não, ativos, a partir de medições arranjadas em planilhas e apostilas guardadas em nuvens que passam a se multiplicar definindo o cotidiano escolar.

Nesse reordenamento e deslocamento de saberes, captar, enxergar os intervalos e propor uma atuação de maneira a estimular discussões e direcionamentos nos processos de educação requer experimentar fronteiras, questionar sistemas e políticas vigentes “[...] sem, contudo, qualquer intenção prescritiva” (AQUINO, 2019, p. 93). Nos limiares e fendas que separam e naturalizam discursos, provavelmente um outro caminho se abra. Neste entretempo, com Foucault (1996), talvez possamos pensar um discurso que proponha uma terceira via à performance na e da educação. Ou seja, uma performance na qual “[...] atos e palavras orquestram um tipo de interlocução que reclama um regime de tempo diverso, cuja efetuação pressupõe uma superfície temporal amarrotada, em que múltiplos estratos atravessam-se mutuamente sem sessar” (AQUINO, 2019, p. 131). Nas dobras e nos rearranjos, uma terceira possibilidade acontece e provoca a abertura de outros caminhos para o atuar pedagógico.

Acreditamos que os intervalos entre as implantações de biopolíticas educacionais sejam o espaço de resistência às manipulações e ao crescente domínio do material humano em benefício desta globalização, ou mundialização, como queiram, que unifica, manipula e homogeneíza o corpo/professor. No mais, sabemos: pensar o lugar que ocupamos requer desobediência, ousadia, atrevimento e coragem (AQUINO 2019; BAUMAN, 1999; CORAZZA, 2016; FOUCAULT, 1996). Indagar, investigar, experimentar lugares na e da educação, em tempos de desconstrução e realinhamento do que se entende por humanidade,

[...] constitui um empreendimento pontilhado de riscos. O mais iminente deles é o de ceder à tentação, de todo ilusória, de descrever o presente com tintas naturalistas, esquecendo-se de que os fenômenos aí em causa têm origem e destinação inexoravelmente incertas, bem como de que a faculdade de divisar o imprevisto que a época nos oferece dá-se, na maioria das vezes, apenas por meio de enquadres interpretativos saturados (AQUINO, 2019, p. 285).

Perguntamos, então: que discursos estão sendo arquitetados em um mundo em que não somos mais a principal fonte de informações? Tecnologias do eu, práticas e receitas fáceis, relações líquidas e efêmeras, escassez, mudança de crenças, sociedade digital global, transnacionalidade, conectividade, intenções descompassadas, modelos mentais prometem sucesso/felicidade/liberdade.

Não importa o *que fazemos*, contanto que *sejamos capazes de fazê-lo*; ou, mais que isso, ser capaz de fazê-lo é toda razão de que precisamos para fazer. O que conta é a amplitude, o excesso de meios – meios livres aguardando para ser aplicados; posteriormente decide-se que objetivos a eles se pode atrelar (BAUMAN, 2011, p. 224, grifo do autor).

Na costura de práticas e processos vivenciados nos tornamos educadores híbridos e retornamos. Nestes entre caminhos nos alimentamos, atualizamos gestos, pulsações, crenças e experiências que vão nos habilitando e proporcionando novas paisagens humanas em que o corpo/professor é outro.

Considerações finais

Diante do exposto, é possível perceber que o espaço escolar em todo tempo é atravessado por técnicas e formas de governo hora mais outras menos visíveis, mas não únicas e permanentes, embora distintas estão sempre presentes. Podemos dizer que este espaço/escola é objeto de formas variadas de manifestações de biopolíticas que constituem corpos, corpos que governados por um poder descentralizado, a todo instante competem entre si para ocupar os lugares pré-determinados a eles. Contudo, percebemos possibilidades de resistências, não em uma via de liberdade ou autonomia ilusório, mas uma via possível, nas fissuras, onde se encontra o espaço do exercício ousadia e questionamento do que está posto, da não aceitação do pronto e acabado.

Neste entre/espço somos convidados ao que Foucault (2017), concebe como estética da existência “dar à sua própria vida uma certa forma na qual era possível se reconhecer [...] elaboração de sua própria vida como uma obra de arte pessoal” (FOUCAULT, 2017, p. 283), pelo exercício de experiência de si. Como construtores e disseminadores sociais, entender os

novos formatos que se apresentam cotidianamente parece ser a grande viagem a ser implementada por nós, educadores (AQUINO 2019; BAUMAN, 2011; CORAZZA, 2016).

Na construção de novos caminhos, discursos desencadeiam processos que provocam os sentidos. Ao experimentar outros lugares, ensaiamos mundos em construção.

No movimento, vamos perpetuando e encontrando maneiras de garantir razões para a extensão do humano clássico; “Mesmo conscientes de que todas as sentenças estão condenadas a só valer até segunda ordem, [...] mesmo assim não podemos deixar de fazer nossas próprias contas e produzir nossas próprias sentenças” (BAUMAN, 2011, p. 259).

Entre os discursos fixos e os móveis e flexíveis, entre códigos e sociedades em pleno florescimento, espaços se abrem, flutuam e se apresentam, e é neste deslocamento, neste ponto “[...] evasivo, cheio de mobilidade, irritantemente difícil de localizar, apontar ou designar e, tal como a hidra lendária, tem muitas cabeças” (BAUMAN, 2014, p. 105), que nos alimentamos, resistimos, adotamos, percebemos finitudes e experimentamos. Sempre a partir de um corpo que discursa e se copia em outro.

REFERÊNCIAS

AQUINO, J. G. **Educação pelo arquivo**: Ensinar, pesquisar, escrever com Foucault. São Paulo: Intermeios, 2019.

BALL, S. Sociologia das políticas educacionais e pesquisa crítico-social: Uma revisão pessoal das políticas educacionais e da pesquisa em política educacional. **Currículo sem Fronteiras**, v. 6, n. 2, p. 10-32, jul./dez. 2006. Disponível em: <https://www.curriculosemfronteiras.org/vol6iss2articles/ball.pdf>. Acesso em: 25 jan. 2021.

BAUMAN, Z. **Vida em fragmentos**: Sobre a ótica pós-moderna. Rio de Janeiro: Zahar, 2011.

BAUMAN, Z. **Cegueira moral**: A perda da sensibilidade na modernidade líquida. Rio de Janeiro: Zahar, 2014.

CORAZZA, S. M.; TADEU, T. **Composições**. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.

CORAZZA, S. M. Currículo e didática da tradução: Vontade, criação e crítica. **Educação e Realidade**, Porto Alegre, v. 41, n. 4, p. 1313-1335, out./dez. 2016. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/edreal/a/hFKB8vnTr3Rv3z7qJ73TF4n/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 10 out. 2020.

FOUCAULT, M. **A ordem do discurso**. Tradução: Laura Fraga de Almeida Sampaio. São Paulo: Loyola, 1996.

FOUCAULT, M. **A Arqueologia do Saber**. Tradução: Luiz Felipe Baeta Neves. 50. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1997.

FOUCAULT, M. **Ditos e escritos V: Ética, sexualidade, política**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2004.

GALLO, S. Aleturgias e práticas de liberdade no campo educativo. *In*: BUTTURI JUNIOR, A. *et al.* (org.). **Foucault e as práticas de liberdade II: Topologias políticas e heterotopologias**. Campinas, SP: Pontes Editores, 2019.

HALL, S. **Da Diáspora: Identidades e mediações culturais**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003.

HALL, S. **Da diáspora: identidades e mediações culturais**. 2. ed. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2018.

MAINARDES, J. Abordagem do ciclo de políticas: uma contribuição para a análise de políticas educacionais. **Educação & Realidade**, Campinas, v. 27, n. 94, p. 47-69, jan./abr. 2006. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/es/a/NGFTXWNtTvxytCQHCFyhsJ/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 20 jan. 2020.

RESENDE, H. Tecnologias de governo e liberdade no meio educacional. *In*: BUTTURI JUNIOR., A. *et al.* (org.). **Foucault e as práticas de liberdade II: topologias políticas e heterotopologias**. Campinas, SP: Pontes Editores, 2019.

ROSE, N. Governando a alma: a formação do eu privado. *In*: SILVA, T. T. (org.). **Liberdades reguladas**. Tradução: Tomaz Tadeu da Silva. Petrópolis, RJ: Ed. Vozes, 1989.

SABOT, P. Transgressão, liberdade, resistência: Sade e Bataille lidos por Foucault. *In*: BUTTURI JUNIOR, A. *et al.* (org.). **Foucault e as práticas de liberdade II: topologias políticas e heterotopologias**. Campinas, SP: Pontes Editores, 2019.

SANTOS, B. S. **Para um novo senso comum: A ciência, o direito e a política na transição paradigmática**. 8. ed. São Paulo: Cortez, 2011.

SARDINHA, D. O último Foucault e seu sistema de liberdade. *In*: BUTTURI JUNIOR, A. *et al.* (org.). **Foucault e as práticas de liberdade II: Topologias políticas e heterotopologias**. Campinas, SP: Pontes Editores, 2019.

SENNETT, R. **A corrosão do caráter: As consequências pessoais do trabalho no novo capitalismo**. Tradução: Marcos Santarrita. 14. ed. Rio de Janeiro: Record, 2009.

Como referenciar este artigo

JESUS, J. O.; SANTOS, B. C. L. S.; MANSKE, G. S. Nas fissuras da cena que encenam práticas educativas. **Rev. Sem Aspás**, Araraquara, v. 11, n. 00, e022004, jan./dez. 2022. e-ISSN: 2358-4238. DOI: <https://doi.org/10.29373/sas.v11i00.15610>

Submetido em: 03/10/2021

Revisões requeridas em: 19/11/2021

Aprovado em: 05/01/2022

Publicado: 30/06/2022